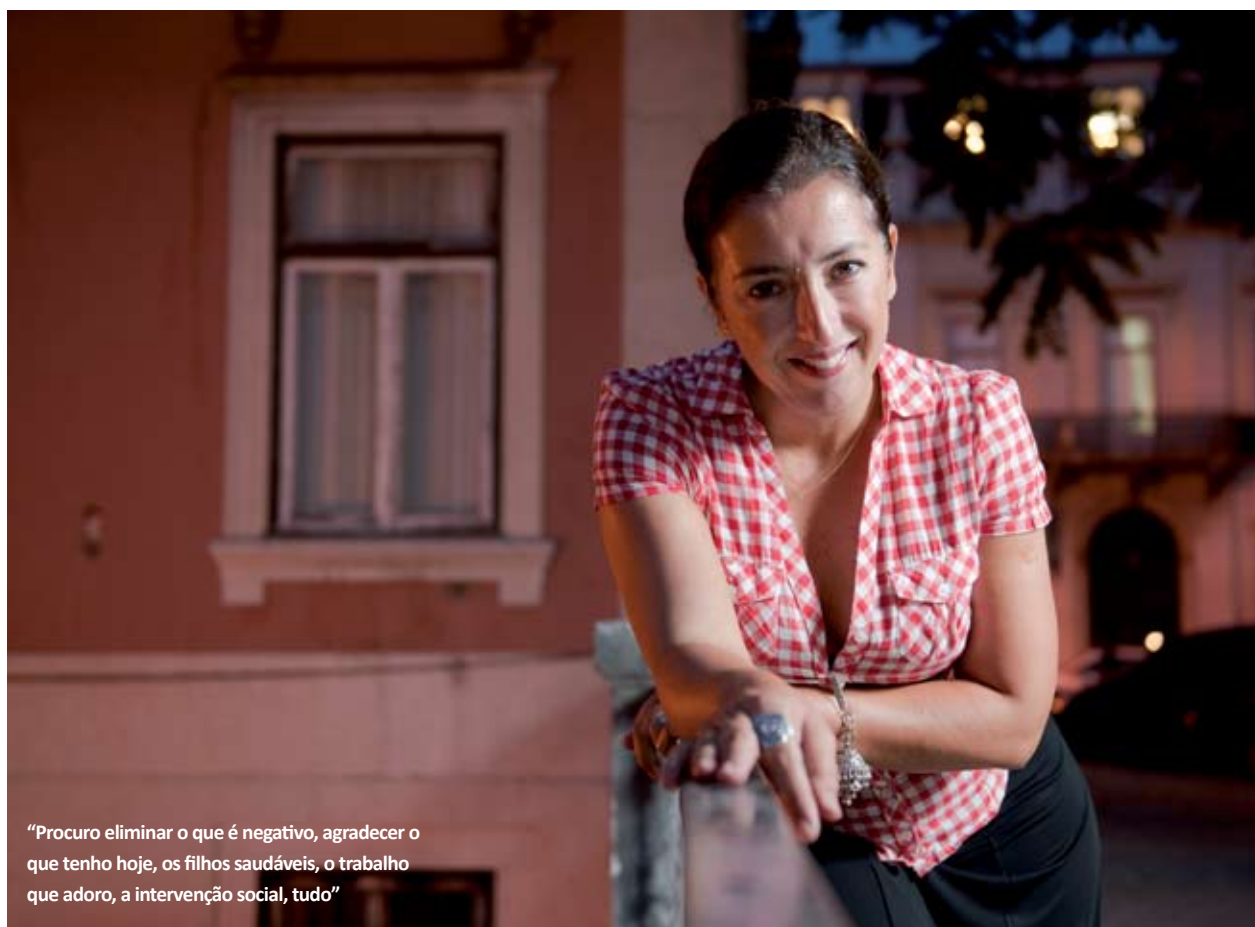


“Ainda estou a pagar as asneiras do passado, e sinto-me completamente responsável por elas. Reconheço-as todas”, afirma Patrícia Vasconcelos

A PATRÍCIA QUE VOCÊ NÃO CONHECE

QUEM É, NA VERDADE, A RAINHA DOS CASTINGS EM PORTUGAL, DEPOIS DE UM DESAIRE FINANCEIRO QUE A FEZ REPENSAR A VIDA E REVER O SEU PAPEL NO TEMPO QUE AINDA LHE FALTAVA VIVER? TODOS TEMOS UM SEGREDO FECHADO A SETE CHAVES NAS ÁGUAS FURTADAS DA EXISTÊNCIA. ESTE É O SEU.

TEXTO ANA RITA RAMOS
FOTOS FILIPE POMBO/AFFP
<http://revista.gingko.pt>



“Procuro eliminar o que é negativo, agradecer o que tenho hoje, os filhos saudáveis, o trabalho que adoro, a intervenção social, tudo”



A ENCANTADORA DE SERPENTES

Aos 45 anos, Patrícia Vasconcelos, filha do realizador António-Pedro Vasconcelos, tem uma energia contagiante que lhe permite fazer quase tudo: procurar as pessoas certas para darem vida aos personagens do cinema, dirigir a escola de actores Act, lançar o disco *Se o Amor Fosse Só Isso*, realizar o seu primeiro documentário (*O meu Raul*), sobre a vida de Raul Solnado, lançar um projecto social que está a influenciar positivamente a vida de milhares de pessoas (a Dariatcordar), e ainda ser uma mãe apaixonada a tempo inteiro.

Desde pequena, quando Patrícia Vasconcelos brincava na casa da mãe, nunca era a donzela protegida pelo príncipe mas sim a heroína que se batia com os malfeitores para salvar uma aldeia. Talvez por isso, já adulta, ela não foi salva por um príncipe – foi antes a autora do seu próprio salvamento. Nos últimos cinco anos a filha do realizador de cinema António-Pedro Vasconcelos, conhecida por ter profissionalizado os castings em Portugal e por ter criado a Act, escola de actores direccionada para televisão, passou por um complicadíssimo desaire financeiro, fruto de hábitos de vida viciados, e percorreu um caminho de profunda mudança de paradigma, questionando o seu território de rotinas, valores e memórias. Mas não se deixou ficar enclausurada nesse campo de concentração para endividados. Com a força que se lhe conhece, sorriu interiormente, porque até as piores notícias são um alívio quando não passam de uma confirmação de algo que já sabíamos sem querer sabê-lo.

Fez metade do percurso sozinha, achando que deveria corresponder à herança familiar de firmeza e orgulho. Mas na outra metade aprendeu a pedir ajuda, com a certeza de que os problemas fazem parte da vida, e se não os partilharmos não daremos às pessoas que nos amam a oportunidade de nos amar o suficiente.

Patrícia sofreu, é certo, mas hoje não troca

os efeitos do seu pesar. E isso é uma lição para o futuro. Tomou consciência de que a força invencível que impulsiona o mundo não são os momentos felizes, mas os contrariados. Pelo caminho envolveu-se na missão da sua vida: lutar contra o desperdício, a começar pelo alimentar, através a associação Dariatcordar.

E assim encara a sua nova vida, com algum misticismo à mistura, acreditando que um anjo da guarda lhe envia mensagens subliminares na forma das nuvens, na velocidade do vento. O que ela talvez não saiba é que esse anjo da guarda chama-se energia interior.

Sempre teve essa capacidade de amar o próximo? Ou ultimamente essa característica está mais vincada em si?

Sempre fui sensível, mas nos últimos tempos esta é uma prioridade. Ao longo da vida nunca tive dificuldades financeiras, problemas de maior. Mas um dia, há cinco anos, o dinheiro começou a faltar. É bom dizer que o dinheiro nunca me moveu. Não faço as coisas a pensar no que vou ganhar.

No entanto...

No entanto, não dá para viver sem ele. Comecei a perceber que cada vez tinha menos dinheiro, de repente tive de começar a fazer contas. Nunca tinha feito contas na vida. Não tinha sido educada assim...

Isso afectou a sua relação com o mundo?

Sim, claro. Quer um exemplo? Tenho dois filhos,



Patrícia Vasconcelos, ainda bebé, ao colo da mãe. “Tive uma infância muito feliz. Não me posso queixar de falta de afecto”



Quando era pequena, Patrícia tinha a mania de pintar sardas na cara. “O meu sonho era ter sardas, achava o máximo”



Ao colo do pai, o realizador António-Pedro Vasconcelos. “Hoje temos longas conversas sobre a vida, os livros, o futuro”



Durante as filmagens de Oxalá, de António-Pedro Vasconcelos, em 1981, o filme que antecedeu o célebre O Lugar do Morto

um de 19 e outra de 8. Ele foi criado na época da abundância, sem restrições. Ela não. Há uns tempos, quando estava na fase mais crítica dos meus problemas financeiros, recebi uma factura de electricidade de 400 euros e desatei a chorar à frente deles. Estava a fazer um esforço tão grande para alterar a minha forma de conviver com o dinheiro que aquela factura foi como se me tirassem o chão. O interessante é que a minha filha me disse: “Tem calma, mãe. Eu empresto-te dinheiro, e tu depois devolves-me!”. Desatei a rir e pensei: “A minha mudança de paradigma já está a surtir efeito”.

Como tudo se passou? Foi uma espécie de sobressalto?

Sim. Tinha péssimos hábitos em relação ao dinheiro. Uma atitude algo irresponsável. E então bati no fundo. Há dois anos acabei com os cartões de crédito. Custou-me como se estivesse a deixar a droga. Como é que iria viver sem cartões de crédito? Pedi um empréstimo para pagar as contas dos cartões e pus um ponto final a isto. Chorei muito, mas hoje sou bem mais feliz. Não sei o que é comprar roupa há anos. E depois? É tudo uma questão de atitude. Há que reciclar, re-inventar.

Pela sua descrição, parece que agiu a tempo. A gestão da sua vida estava toda ao contrário...

Sim. Andava em irritação permanente...

Qual é o seu ideal de felicidade?

Se fechar os olhos, o auge da felicidade é imaginar-me gorda e ampla, com um avental, à volta dos tachos, com uma mesa enorme, a cozinhar para uma grande família... Ter criado a escola de actores, em 2000, é um pouco isto: a alegria e a responsabilidade de ter uma geração nas mãos, eis o meu grande alimento. Adoraria ter dez filhos. Se pudesse tinha um filho por ano.

Conheceu muitas faces da dificuldade. Afinal, a vida tem muitas formas de criar obstáculos, a vida tem muita imaginação...

Sim, a vida é irónica e criativa. Hoje sou muito mais feliz. Mais livre. Ainda estou a pagar as asneiras do passado, e sinto-me completamente responsável por elas. Reconheço-as todas.

Não estará a chicotear-se demasiado?

De maneira nenhuma. Tiro satisfação do processo de mudança. Por exemplo, nunca mais fui ao supermercado como antigamente, com o carrinho cheio, comprando tudo o que me aparecia à frente, até o que não precisava. Isso é um disparate, e uma ilusão de abundância. Hoje

“Há dois anos acabei com os cartões de crédito. Custou-me como se estivesse a deixar a droga. Como é que iria viver sem cartões de crédito? Foi um desafio mas consegui”

é muito mais interessante: no dia-a-dia penso o que me está a apetecer comer. O próprio habitat se transforma. De facto, não precisamos de tanta coisa. Demasiadas coisas impossibilitam-nos de ver o que é importante. Quando o meu filho abre o frigorífico e diz “não há nada que se coma”, frase típica dos adolescentes, tento mostrar-lhe o muito que é possível fazer com pouco. **Passou por tudo isto e no início não quis pedir ajuda. Todos temos um segredo guardado a sete chaves nas águas furtadas da vida...** Apesar de tudo sou uma privilegiada. Quando

há uns anos comecei a ver que as coisas estavam a ficar mesmo mal, pensei o seguinte: estás em vantagem. Primeiro porque tinha um tecto. Segundo porque conhecia muita gente. Muito provavelmente não cairia na rua... Mas sim, devido à educação que recebi, quando estou a passar grandes dificuldades desapareço, sinto que não tenho o direito de carregar os outros com os meus problemas. Então recolho-me... **É uma lutadora. No cinema e na literatura não lhe interessam tanto as rainhas, as beldades ou as herdeiras, mas as heroínas de personalidade forte, aquelas a que ninguém dá nada e que conseguem tudo por si próprias. Estou enganada?**

Não, não está. Em miúda, com 7 ou 8 anos, lembro-me de passar pela avenida Morais Soares, em Lisboa – morávamos na Alameda – e ver um velhote a pedir na rua e ter uma grande vontade de o levar para casa. Não percebia por que é que a minha mãe não me permitia fazê-lo.

Ainda hoje essa consciência da miséria alheia rói-lhe o corpo em que respira?

De certa forma sim. Foi assim que nasceu o meu envolvimento com a luta contra o desperdício alimentar. Sempre me fez muita confusão a forma ligeira como deitamos comida para o lixo. Por isso, há uns anos criei um projecto de solidariedade chamado Bairro do Amor, cujo objectivo era ir aos bairros da cidade incutir um espírito de cooperação, em rede, em que todos ajudassem todos. Acredito que posso contribuir para um mundo melhor. O projecto, por várias razões, não vingou. Até que, há cerca de um ano, ouvi o António Costa Pereira, comandante da TAP, a falar sobre a sua luta contra o desperdício alimentar. Mande-lhe um mail e dez minutos depois estávamos a falar ao telefone

e a ver como poderíamos colaborar. Em pouco tempo criámos a associação Dariacordar, e as coisas estão a mexer. Lutamos contra todo o tipo de desperdício (medicamentos, livros, roupas, até de talentos...), e não apenas o alimentar. Criámos um hino, porque a música é um veículo maravilhoso para chegar às pessoas. Há já vários restaurantes a distribuir a comida que sobra, refeitórios de creches a abrir horas extra para distribuir alimentos a quem precisa, o que é uma gigante vitória... Tenho dedicado cada vez mais tempo ao projecto. É um *full time job*. Acredito que a Dariacordar estava condenada a nascer, estava apenas à espera do momento certo... **Tem essa espécie de crença mística no Universo. Acredita que ele nos coloca experiências à frente. É isso?**

Parto do princípio de que não tomamos todas as decisões na vida. Os sinais estão todos à nossa frente. Há coisas que parecem mágicas. No outro dia, no final de um ensaio, caiu no chão, virada para cima, uma carta de um baralho: era o ás de copas. Guardei-a, claro!

É uma pessoa religiosa? Nos momentos de dificuldade agarra-se a quê?

Não sou religiosa, mas acredito numa força superior vinda algures do Universo. É uma luz que me acompanha no dia-a-dia. Quando estou atrasadíssima e arrango estacionamento à porta, olho para cima e digo “obrigada”.

Há coisas no seu destino que não pode controlar mas outras que são totalmente da sua alçada. Pode decidir, por exemplo, a forma como reage às circunstâncias menos felizes da sua vida – se vai vivê-las como maldição ou como oportunidade...

Exactamente. Foi o que fiz com os problemas de dinheiro. A bem da verdade, foi o que fiz com todos os problemas da vida. Eu não nasci com o chip da negatividade.

E acima de tudo pode escolher os seus próprios pensamentos. Esse é um poder que a Patrícia cultiva?

Isso é algo que não pode falhar: eliminar o que é negativo, agradecer o que tenho hoje, os filhos saudáveis, o trabalho que adoro, a intervenção social, tudo. Tenho um anjinho da guarda, que deve dizer: “Esta tipa dá-me uma trabalhadeira”. Quando algo me acontece de mau, e não compreendo porquê, penso sempre que um dia vou compreender. Há sempre uma razão para as coisas acontecerem. E a razão é sermos ainda melhores, mais completos e harmoniosos.

Se queremos mesmo controlar a vida, devemos trabalhar a mente?

Sim, e pensar que não somos imbatíveis. Foi-me inculcada a noção de que não devemos pedir ajuda, que isso é fraqueza. Mas hoje penso que se não der aos outros a possibilidade de me ajudarem então não lhes permito mostrarem o verdadeiro amor que sentem por mim. Há uma grande lição a tirar de tudo isto.

Ainda se considera uma sempre-em-pé? Ou percebeu que há tanta dignidade em saber dar como em saber receber?

Percebi que preciso de ajuda. Foi duro ser ajudada. Chorei muito. Pensei que estava a quebrar uma regra, como se estivesse a ser infiel à minha natureza. Uma das grandes questões da humanidade é o problema do orgulho. Eu tive de limpar esse pó da minha vida. Tive de abrir várias gavetas e por vezes não sabia bem como fechá-las... Mas tenho de assumir que ainda gosto muito do sempre-em-pé. Era o meu boneco de infância.

“Pedi ajuda. Se não der aos outros a possibilidade de me ajudarem não lhes permito mostrarem o verdadeiro amor que sentem por mim. Há uma grande lição a tirar disto”

Teve uma infância muito feliz...

Sim, mas muito solitária, pela minha forma de estar. A solidão é uma coisa curiosa. Às vezes é como uma selva, cheia de perigos e de surpresas. Conheço todas as suas variantes. Tive um padrasto que foi um pai, um homem maravilhoso, e hoje sou viciada no meu verdadeiro pai, andamos a recuperar o tempo perdido, porque vivi grande parte da infância longe dele. Ele diz-me que quando morrer me deixará umas bobines e umas ruas de Lisboa para passear. E eu agradeço e delicio-me com a sua inteligência e a sua energia incurável.

Como é viver esse reencontro com o seu pai, sendo mãe? Ter um filho é como fazer uma tatuagem no rosto. É preciso ter a certeza que é

isso que se quer antes de o fazer...

Os meus dois filhos foram pensados e planeados. Eu sabia que, após o meu filho Thomas, o Universo me enviaria uma Laura. Assim foi. Com ambos a relação é especialíssima. Tenho dois anéis no dedo que me acompanham sempre. Num está gravada a frase: “Laura is divine”. No outro, “Thomas is unique”. O amor que existe entre nós é inacreditável. São miúdos contatários, argumentativos, lidar com eles com firmeza é uma missão.

Afinal, o trabalho não é o seu pilar principal... O seu sonho é viver em clã para sempre?

Tenho corrigido isto ao longo do tempo. Hoje já não estou só focada no trabalho. Quero outras coisas que não apenas trabalhar. Olhe, pelo menos uma vez por semana desapareço. Todos os dias corro três quilómetros. Acho que sou a prioridade. No outro dia disse isso ao Thomas e ele ficou chocado. Mas se não estiver bem não darei nada de bom aos outros.

É completamente aventureira? Ou com a idade tornou-se menos?

Curiosamente, nunca penso o que vai correr mal. Ainda hoje. Penso sempre que o pára-que-das abrirá. Nunca me dei mal com esta atitude.

Quando fundou a Act, a escola de actores, em 2000, foi assim que pensou?

O projecto da escola é um projecto de vida, é um contributo e uma enorme responsabilidade, pensar que estou a influenciar a vida destes miúdos que têm um sonho. Sou uma eterna apaixonada pelo ser humano. Por isso fiz uma escola. Quando faço um comentário duro a um aluno, faço-o porque sei que pode melhorar algo. Esta é a gasolina do meu dia.

Sendo a rainha dos castings em Portugal, ainda está à procura de pessoas que “tenham uma guerra civil no olhar”?

Uma das características mais importantes no actor é o olhar. Um actor sem um brilho no olhar dificilmente conseguirá vingar. Na vida é diferente. Hoje sei que contra um olhar vazio há muito a fazer. E é nossa obrigação fazê-lo. Restituir o brilho no olhar de alguém é uma missão... **G**



“Não precisamos de tanta coisa, Demasiadas coisas impossibilitam-nos de ver o que é importante, impedem-nos de ver o essencial”

